

RENOVAÇÃO



NÚMERO 20

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

O MÊS DE ABRIL (com gravuras) — O ELOGIO DO BURRO, por *Nogueira de Brito* (com gravura) — SONETOS: Paixão e Aleluia, por *Bento Faria* — OS DOIDOS VISTOS POR UM ARTISTA DE TALENTO, por *Mario Domingues* com desenhos de *Stuart Carvalhais* — SEMANA SANTA (com gravuras) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL, por *Ladislau Batalha* — OS SEIS HOMENS MAIS RICOS DO MUNDO (com retratos) — A CILADA, conto de *Eduardo Frias* ilustrado por *Roberto Nobre* — ACTUALIDADES: Francisco Viana; A circulação de automoveis; A Cooperativa dos Chauffeurs; A semana anti-fascista; Nucleo Fotografico de Reportagem. — CAPA, desenho de *Stuart Carvalhais*.

Ano I — Numero 20

Lisboa, 15 de Abril de 1926

Renovação

O' GRAXA!... O' GRAXA!...

Lisboa teve nestes ultimos tempos quatro inovações inesperadas: os «taxis», os pavimentos suaves e deslisantes, os guardas sinaleiros e os pequenos engraxadores.

E bastavam estas quatro novidades para dar à capital um aspecto diferente, mais moderno, mais civilizado, mais europeu.

O forasteiro ao desembarcar na sórdida *gare* do Rossio já não precisa de ir a pé para o hotel, carregado de malas, suando cansaço por todos os poros e tropeçando nas pedras da calçada. Um pouco atordoado pelo movimento vertiginoso dos automoveis que escorregam pelo asfalto liso, o viandante tem a ilusão de ter chegado a uma grande cidade.

Com um gesto, tem um automovel às ordens, comodo, de molas confortaveis, de motor silencioso, que o conduz ao primeiro hotel onde o espera a primeira desilusão: o preço da hospedagem.

Ha, porém, um precalço que sucede a quasi todos os viajantes, principalmente se veem das nossas provincias. A poeira, no estio, e a lama, no inverno, põe-lhe as botas em misero estado.

Ainda não há muito tempo eu cheguei a Lisboa com as minhas ricas botas pretas, brancas da lama de uma estrada longinqua, que dista daqui uns bons quinhentos quilometros. E' uma vergonha atravessar-se a cidade com as botas sujas.

Mas quando uma pessoa um pouco comprometida, com a impressão de que toda a gente lhe olha para as botas, procura a sombra para passar despercebido dos outros transeuntes, um grito alegre, um pregão sonoro e salvador

écoa no espaço, dominando o ruido incessante do transito das ruas.

—O' graxa!

E surge na nossa frente um rosto esperto de rapaz, agitando a caixa dos ingredientes e tratando-nos num ar pouco cerimonioso por «freguezinho».

— Quere engraxar? Quere? Olhe que está precisado...

E abeira-se uma pessoa da valeta, suspirando de alívio, pensando já na delícia de, no curto espaço de alguns minutos, ficar com o calçado reluzente como novo.

E o garoto é agil. Trabalha com uma ligeireza fantastica. Mas durante o labor não perde nada do que se passa na rua — nem mesmo as pontas de cigarro que caem ainda fumegantes. E se por acaso ali não cai nenhuma, sempre esfregando, sempre engraxando — O' graxa! — o garoto encarrega-se de nos pedir um cigarrinho dos nossos.

Terminado o serviço, o «graxa» dá-nos uma sacudidela na dobra das calças, escova-as se estão sujas de poeira e exclama:

— Pronto, patrãozinho!

As botas ficam tão scintilantes que julgamos, por momentos, que seu brilho, seu aspecto garrido se transmitiu também ao fato, ao chapéu, á gravata... E' como se tivéssemos envergado, dos pés à cabeça, peças de vestuario e de calçado novinhas, acabadas de fabricar. E se nos observarmos bem, até uma alma nova sentimos dentro do corpo.

É quanto custa aquele trabalho realizado em alguns instantes por um rapazito endiabrado que na nossa frente assume um ar comedido para não perder o freguês? Sim é quanto



custa essa tarefa importante que nos torna mais agradáveis aos olhos das outras pessoas?

— Uma corôa!

Apenas cinco tostões. Os pequenos não nos exigem mais. Pago o trabalho, retira-se uma pessoa satisfeita. E o petiz lá fica, com o seu sorriso de bom humor e a sua voz clara, alegre e vibrante:

— O' graxa!

Há quem diga que aquela nuvem de garo-



tos deligen.es, que pousa al. nas margens do Rossio, ofende a estética da praça. Criaturas que se dizem entendidas em tudo, provavelmente as mesmas que protestaram contra a substituição das pedras irregulares das ruas pelos pavimentos suaves de agora, pretendem acabar com a permanência dos garotos naquele local freqüentado, para embaiucá-los em artérias mais solitárias. Afirmam que a sua presença é uma nota de miséria que se devia ocultar. Este critério de se ocultar a miséria para mostrar ao forasteiro apenas o que possuímos de luxuoso, faz-nos lembrar certas mulheres que, sob espantosas robes de seda, envergam sujas camisas de algodão ordinário.

Na vida moderna e cada vez mais vertiginosa desta Lisboa que vai ingressando aos saltos bruscos na civilização, o engraxador ambulante ali postado no local por onde mais vezes passamos, é uma utilidade.

E' uma profissão vexatoria? As profissões só são vexatorias quando os profissionais não sabem exercê-las com dignidade. Tão digna é

a profissão de engraxar como a de escrever. Há talvez mais engraxadores, no sentido depreciativo da palavra, na arte de escrever do que na arte de engraxar. Quão mais merecedores de consideração para mim são aqueles pobres petizes que ganham honestamente a sua vida, do que muitos encolarinhados que ali mesmo no Rossio roçam ociosamente as costas folgadas pelas paredes!

— O' graxa!

Têm os pequenos tal jeito no manejo da escova de limpeza que sinto vontade de pedir-lhes, perante o torpe espectáculo da sociedade presente:

— Rapazes, engraxai essa gentinha, engraxai tudo, tudo de alto a baixo! Engraxai, rapazes!

M. D.

A CONSCIENCIA

SONETO

*Assisto ao inspirar de um pensamento
e acompanho-o na curva do desejo.
Sendo incorpórea tudo oiço e vêjo,
perscruto o mais oculto sentimento.*

*Alegro-me no dólido momento
em que dois peitos une um casto beijo;
revolto-me se acaso um nêgro ensêjo
permite da traição o aviltamento.*

*Padrão de excelsa glória, nobre templo,
da sã virtude eu santifico o exemplo.
Se é bôa a acção dedique-ma, consagre-ma.*

*Confundem-se o Inferno e o Paraizo.
Quanta lágrima oculta num sorriso,
quanto sorriso oculto numa lágrima!*

1926. — (Inédito)

Luís de Faria.

OS FAROLEIROS

Lembro-me, perfeitamente, de que um dos livros que mais impressão produziu á minha mocidade de estudante, num tempo em que a *moçidade lia*, foi o *Faroleiro de Aspiundal*, novela ou coisa parecida, do autor do *Quo Vadis*, obra que tanto alvoroçou o meio intelectual e não intelectual de todos os países cultos.

Apareceu-me então, diante do meu espirito e da minha sensibilidade, a odisseia desse obreiro admiravel que á navegação tantos serviços presta, o faroleiro, e que, consequentemente, tão util é ao progresso e á humanidade, considerada a sua missão como um auxiliar poderoso da civilização e moralmente como um assistente ao homem que cruza os grandes rios e os oceanos.

Isolado, firme, soberano, o homem que dirige o farol, que dele cuida com devoção, merece que o cantem as estrofes mais sentidas, que o louvem as palavras mais encomiasticas, que o marquem os pensamentos mais atentos, de maior ternura! E' facil, é até grato aos homens que são simples espectadores de acontecimentos marítimos, encarar a grandesa do Mar, com a sua inconstancia que vai desde a tranquillidade serena e limpida das suas correntes até à impetuosidade fremente das suas procelas tremendissimas. E' empreza facil evocar os misterios das suas ondas, ora espreguiçando-se serenas sobre a areia de oiro fôsko, ora arquiando-se incertas, em dorsos constantemente a renovarem-se, quebrando-se em fúrias incontinuas e subvertendo nas suas entranhas os navios poderosos que o engenho do homem construiu para a navegação ou para a morte!

Os grandes poetas cantaram o Mar, os escritores de maior categoria ergueram em seu louvor as imagens mais belas e mais expressivas. Os pintores fixaram nas suas obras a magestade dos oceanos, o pitoresco das margens dos grandes rios.

Mas, a par da grande vida dos mares, ao lado do fluxo e refluxo das suas marés, canta, flue, toma corpo a historia sentida dos farois, olhos atentos que espreitam os perigos, providencia consoladora que assiste aos que caminham serenos, ou que se perdem na ansia recalcitrante do mar que não perdoa que o desvassem!

E' a vida extranha, misteriosa do faroleiro que não se move do esconderijo onde prescrua a palpação dos oceanos para que dê o seu sinal de existencia aos que passam. De dia ou com o sol dardejante que põe lucilações magicas na superficie dos oceanos e dos rios, quando a viração é terna e a brisa afagante, o faroleiro, de animo tranquilo, assiste ao desfile das aves aquaticas que pairam confiadas em volta do seu

farol e ao traçado limpido que o navio abre nas liquidas paragens que a sua pequena fortaleza domina. Quando o vento açoita os costados das embarcações, ameaçando traga-las, lá está ele, vigilante, febril, a dizer que existe, ensinando os refugios, marcando a vida, a sua existencia de hora a hora. E, para os que passam, para os que se debatem, que refrigerio se levanta então



Ethel Langton, de 14 anos, que, na ausencia dos pais, assegurou o funcionamento do Farol de Santa Helena (Ilha de Wight), durante tres dias

que clarão de esperanza os anima, por não se verem sós!...

A' noite, na escuridão fechada, impenetravel, o olho movediço ou fixo do farol contempla, com a alma do faroleiro, o navio que corta as ondas e ao qual acompanha e lembra que um coração bate no alto, a sondar o mar. Tudo pára, tudo se agita e o faroleiro firme, atento, não deixa de olhar, de sentir, de ouvir até com o coração. E' o mundo aparte, a vida da solidão enlevada nos eternos designios do oceano impassivel, forte, admiravel e terno!

Extranhos casos se contam que não roçam sequer pela lenda, historias verdadeiras que alimentariam poemas perduraveis de beleza e de heroismo. Foi agora, ha pouco, frente a Bembidge, no farol de Santa Helena. O casal de faro-

leiros caminhou para a terra na busca de provisões, á cata do abastecimento que o deixaria viver algum tempo.

Ficára só, a substitui-los, Ethel Langton, catorze anos sadios, bons de alma, são de corpo. Os pais demorar-se-hiam pouco: o tempo essencial para a provisão ser feita. Mas... a inconsciência do mar! O vagalhão batido pelo temporal inclemente sacudira a agua até então numa calmaria de *azeite*. Rugiram as suas entranhas revoltas, esmigalharam-se de encontro ás costas, aos rochedos, em milhões de gotas, pó líquido, e foram tres noites que uma eternidade separou pais e filha. Mas as lampadas funcionavam graças ás mãos da criança que não tremeram no seu acto de altruismo admiravel. Não houve ignorancia que embaraçasse aquela mocidade fresca e tudo correu no melhor dos mundos...

E a comida a faltar, e a solidão a esfacelar o coração!

E... o mar quietou, as ondas arrumaram-se obedientes; já não se ouve o ronco formidavel da agua revolucionada, o vento deixou de sibilar e o sol dos grandes dias tranquilos e felizes aproximou de novo os corações e os corpos daquela população ingenua do farol. E os catorze anos de Ethel, heroismo magnanimo, alma enorme, velaram sempre, viram os perigos, assistiram à tormenta furibunda e, ao chegar dos pais, quasi inanime, destroçada pelo cansaço, lá estava ainda a olhar a imensidade do Mar, cumprindo o seu dever. Odisseia digna dos poemas mais magnificos, estupenda intuição da beleza do altruismo, do sacrificio pelo seu semelhante!

N. de B.

MENTIRAS DIVINAS



— Duvidas, homem de pouca fé, que Deus dá o aroma ás flores, a lã ás ovelhinhas e de comer aos passarinhos?

— Credo! sr. prior. Duvidamos lá disso! Mas nós é que não temos que comêr nem que vestir.



— Com estas ervas, benzidas por mim, curam-se todas as doenças.

— Não nos ter dito isso antes de irmos a Lourdes, onde gastámos todo a nosso pé de meia e não encontramos nenhum alivio!

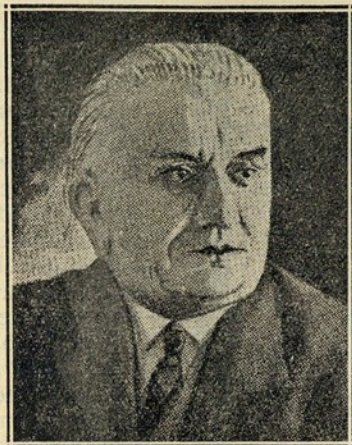
O CINEMATOGRAFO

O 30.º ANIVERSARIO DO PRIMEIRO "FILM,,

No dia 17 do mês findo, comemorou-se em Paris o 30.º anniversario duma descoberta que revolucionou o Mundo: o cinematógrafo. Se bem que os princípios sobre que assenta a projecção de figuras animadas estivessem já descobertos, o facto é que só precisamente há trinta anos, dois francezes, os irmãos Lumière, conseguiram efectua-la com êxito, num subterraneo do boulevard des Capucines, por cima do qual funcionava o Grand-Café.

Essa comemoração consistiu na inauguração duma placa e nalguns discursos, que decerto o velho Luís Lumière ouviu com os olhos rasos de agua. E' uma glória bem pacífica e modesta a sua — ainda assim contestada

por muitos. Luís Lumière, a quem seu irmão Augusto auxiliava, estudou a forma de sincronizar a passagem dos diferentes clichês por diante duma lanterna de projecção, por forma a obter dessa successão de imagens a ilusão do movimento. E a sua descoberta limita-se quasi á perfuração dos lados da película, que permite que a passagem regular dos quadros successivos se dê justamente quando passa a parte opaca do disco móvel que



Luís Lumière

voltaia á frente da lente. E' pouco, dirão. E', sim. E' o ovo de Colombo da cinematografia. Sem essa descoberta, a projecção não dava a curiosa impressão do movimento que levou centenas e centenas de pessoas aos baixos do Grand-Café.

Ah! mas o que era o cinema dos irmãos Lumiere! Poucas descobertas humanas terão evoluído tanto em tão curto espaço de tempo. Os *films* dos irmãos Lumiere eram películas de quinze e vinte metros, que reproduziam, sobre um pedaço de parede forrada com um pano branco, a chegada dum comboio á *gare*, operarios saindo duma fábrica, ou um navio levantando ferro; pequenas scenas, episódios vulgares da vida que corre, eis o que eram êsses *films*. Mas aquela gente mexia, viam-se os lenços agitando-se nos ares, as aguas espadanando de encontro á proa do barco, etc. E daí o interesse que despertou a sensacional descoberta.

Contestaram, é facto, a Luis Lumiere o seu invento; mas nunca ninguém conseguira negar que foi êle quem, pela primeira vez, *filmou*. Quer aproveitando ideias alheias mal exploradas, quer aperfeçoando apenas os inventos dos outros, a verdade é que êle conseguiu aquilo que os outros não haviam conseguido. E foi por isso que a França consagrou agora, singelamente, o seu esforço.

Dissemos que em trinta anos era verdadeiramente assombroso o caminho ganho pelo cinema. Assombroso, só, é pouco. Causa vertigens a distância que vai dos primeiros *films* do improvisado cinema das *caves* do Grand-Café des Capucines á *Deshumana* ou a essa esplendida realização da cinematografia alemã que são os *Niebelungos*; isto para falar apenas do que entre nós é conhecido e que é velho já no resto da Europa.

A vida do cinema tem igualado em vertigem a dos seus *films* mais movimentados e rocambolescos. Hoje em dia, tudo está *filmado*. Na terra, no ar e no mar, — a tôda a parte, tôda, tem ido o operador cinematografico. E o cinema, — rival, que seria vencedor, se não fossem os obstaculos materiais que a isso se opoem, do jornal, — tem fixado todos os grandes instantes da Vida Humana dos últimos anos. Incêndios e catástrofes; naufrágios, torpedeamentos, combates aéreos e marítimos; descobertas, invenções, artes, officios; a vida do infinitamente pequeno e do infinitamente grande; tudo, enfim, desde os maiores crimes ás mais sublimes abnegações, — tudo fixou com a sua pupila bisbilioteira e atrevida, para o reproduzir mais tarde, horas, dias, anos, quem sabe lá se séculos depois. Mas não se contentou com o registo do dia a dia, — foi-se á História dos Povos, ás grandes lendas da Humanidade, e delas extraiu motivos para impressionar quilómetros de películas. Desde as dezenas de *Vidas de Cristo* que por êsse Mundo fóra se exibiram nesta quadra, até essa assombrosa reconstituição a que acima nos referimos, os *Niebelungos*, passando pelo *Milagre dos Lobos*, talvez o melhor *film* francês dos últimos tempos; desde o Waterloo, em que se conseguiu fixar o acaso tremendo dêsse deus do crime que se chamou Napoleão, ao *Danton*, em que se reproduziu o mais tragico delirio dum povo que se liberta, — que enormissima quantidade de *films* foi já feita, rebuscados todos os motivos na história, na arte, na literatura e na vida...

O cinema desdobra-se, transforma-se. Fixa a vida do micro-organismo e a trajectória dos cometas; analisa as evoluções do bacillus e o desenvolvimento das plantas; a contextura das células, o germinar das sementes: — serve a Sciência dos homens em todos os seus ramos. Fixa os grandes embates, as calamidades sem nome, os crimes, os bombardeamentos e as derrocadas: — serve a causa dos oprimidos, vergastando a tirania dos senhores com o seu mudo lâtego. *Civilização* é um tremendo libelo acusatório contra os horrores da Guerra; *Intolerância*, uma formidável condenação da cegueira religiosa; se serve a reacção com as *Vidas de Cristo* industriais que para aí se exibem, tambem serve a revolta em dezenas de *films* como êstes.

Mas não pára aqui: — todas as grandes paixões humanas lhe serviram de motivo: Francesca Bertini, Lida Boreli, Pina Menicheli, nas tragicas dos grandes dramas românticos, excederam todas as realizações teatrais; Itália Almirante Manzini, Amleto Noveli, Ala Nazimova, Estacia Napierkowska, da mesma forma as excederam nas suas criações profundamente humanas.

Antinêa é o desejo feito labareda e crime; *Tanit Zerga*, o amor feito renúncia, abnegação, clemência. A heroína dos *Três Amores* e dos *Dois Crucificados* é a mulher ungida pelo óleo negro da Fatalidade que a assinalou para portadora da Desgraça; a *Princesa Jorge* oprime com a sua romanesca angústia. E, nos dominios das supremas criações, Khrimild, inolvidável no seu amor, incompreensível no seu sacrificio, enorme na sua vingança, assombra quando, defrontando-se com ela, Haagen Trouje, o guerreiro sombrio, cai vencido por aquela mulher que admiravel e cruamente simboliza, em sua beleza angélica, o trágico desejo de vingança que transborda da Alma Humana...

... Mas vai longa, descabida, esta digressão pelos domínios do cine mundial. Pouco se disse, no entanto, ainda.

E veio isto a propósito de dizermos que, no passado dia 17, a França consagrou nas letras duma lapide os nomes dos dois homens que conseguiram realizar uma das três maravilhas do século XX — porque lhe pertence, embora nascida no século passado — a Cinematografia: — Augusto e Luis Lumiere.

O SILÊNCIO QUE OPRIME E

MALDITOS SEJAM A GUERRA E O

O silêncio é sempre imponente. Mesmo quando encerra no seu mutismo pesado e asfixiante uma ideia injusta, o silêncio é sempre imponente. Quando sós, na érma planície, longa e infinita, apuramos o ouvido e procuramos escutar a voz do vácuo, o silêncio que nos envolve é misterioso e profundo como a treva densa de uma noite de procela. Enche-o mil ruidos que não são ruidos, são rumores indistintos da nossa própria alma, são fantasmas flutuantes na atmosfera diafana, são anseios vagos que se sentem e não se exprimem porque não teem fisionomia, nem cor, nem forma. Nada mais ruidoso de que o silêncio!

O trovejar forte ensurdece, o grito angustioso horroriza, o doce lamento emociona — mas o silêncio penetra-nos, angustia-nos, sufoca-nos como mão invisível que lentamente nos apertasse o coração até lhe roubar o ritmo vitalizante das palpitações.

Morre-se esmagado pelo silêncio como sob o peso de um subterrâneo que abate. Quere-se chorar e é impossível; pretende-se gritar e teme-se que o ruído da nossa voz, rompendo o silêncio, quebre o equilíbrio universal, que está em toda a parte e não se sabe aonde, desmanchando a harmonia tranqüila e firme de tudo o que nos cerca.

O ruído é uma companhia; o silêncio, soli-

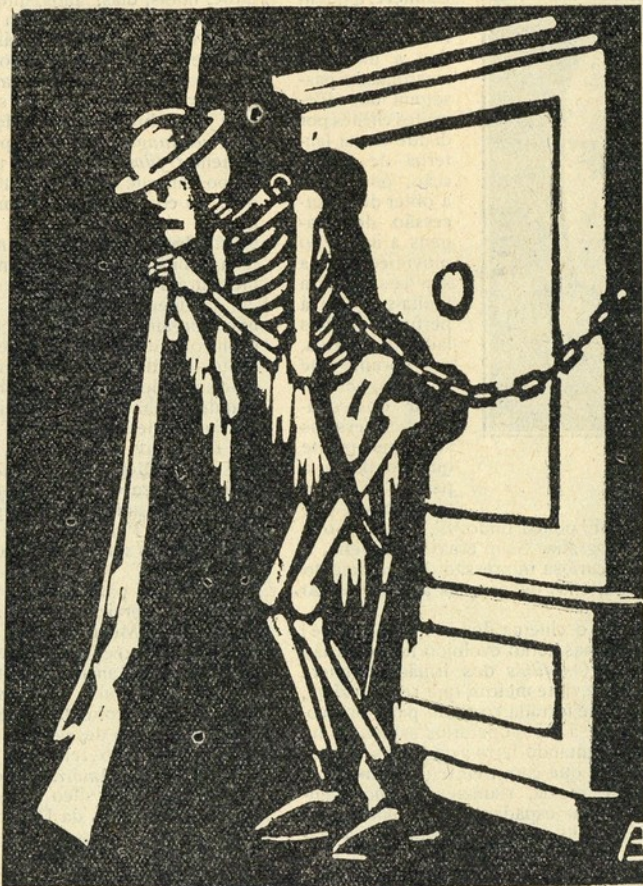
ção. O homem que vive na vertigem ruidosa está acompanhado, o que vive no silêncio é um abandonado, um ignorado átmo, um ninguém.

Horroriza-me a morte pelo silêncio e pela treva que a envolvem: o silêncio do não ser e a treva da tumba. Há pouco tempo, comemorando uma derrota patriótica, impuzeram à cidade dois minutos de silêncio — dois séculos

de asfixia. Na quietação profunda, o pensamento humano toma uma flexibilidade, uma leveza, uma fluidez assombrosas. Chega a tocar a alma imponderável. Argutos eram os velhos sábios que procuravam no isolamento dos jardins o ambiente dos aromas para meditem, para medirem toda a beleza do seu pensamento, que é um aroma subtil da alma humana. Atilados eram os cristãos antigos que se internavam na desolação silente dos desertos amplos para encontrarem na tranqüilidade e na paz toda a pureza de suas almas rudes.

Tambem eu, quasi sem querer, nos dois minutos de silêncio há dias impostos, me ensimesmei

de tal maneira que me esqueci quasi da significação patriótica daquela quietude que em mim era rebeldia. Nada mais potente e rebelde a todas as tutelas do que o pensamento profundo e invisível, como a seiva das plantas, que na sombra, na treva e no silêncio arraza fronteiras, galga oceanos, abate palácios e tro-



Esquelético, sacrificado, o escravo defende o cofre do amo, onde se amontoam, feitas riqueza, a sua dor e a sua miséria

O SILÊNCIO QUE LIBERTA

CAPITALISMO QUE A FOMENTA!

nos, abraça continentes, constroi maravilhas mais perfeitas do que todas as divinas delicias do Paraíso! Nada mais rebelde, durante aqueles dois minutos de silêncio, do que o meu pensamento!

Eu vi — porque é no silêncio e na obscuridade que a alma humana vê com maior penetração — a guerra, a guerra monstro, a guerra símbolo de sofrimento máximo e de crueldade inultrapassável. Era um dragão imenso, recordado num horisonte vermelho e sinistro, os

as altas e louras searas da Ventura e da Abundância. Triste ideia dos representantes de regimes opressores em mandar calar os oprimidos. O homem que cala é o homem que pensa. Os dois minutos de silêncio são perigosos, senhores que engendrais a guerra e arremessais os simples e os pobres para o massacre! O silêncio é o pensamento profundo e justo. Do silêncio e da treva dos subterrâneos russos safu a maior Revolução de todos os tempos. De muitos minutos de silêncio de um povo que



Pela via dolorosa do sacrificio o escravo caminha inconsciente para a morte e para o crime em proveito de outrem

olhos brilhantes de esmeraldas raras, as narinas largas como crateras de vulcão expelindo jactos de labaredas, na bocarra escancarada dentes alvos como perolas scintilantes, as garras enormes de laminas de ouro. Era um monstro de riqueza caminhando, rastejando, viscoso, sobre uma planície triste, incomensurável, juncada de cadaveres nus, trucidados e miseráveis. Era o Deus-Milhão destruindo, em seu lento caminhar, a flora magnífica da Humanidade. Era a Fortuna trucidando a Pobreza, o Capitalismo oprimindo o Trabalho.

No silêncio e na solidão crescem e amaduracem os pensamentos de Justiça e de Beleza, como nas margens planas e fecundas do Nilo,

sofre, nascerá o pensamento rebelde que o libertará.

Silenciai-vos, pois, oprimidos, e meditai na libertação!

Nário Domagala

A doutrina cristã não aconselha a Caridade, mas a Fraternidade, que è uma coisa muito diferente.

A Caridade humilha, a Fraternidade ampara.

BAILADOS FILOSOFICOS

EPOCA de audacias na mecânica e na estética, a arte moderna alcançou a maravilha de arquitetura, de criar uma ponte suntuosa entre a música e a filosofia. Actualmente um bailado é uma página de Kant, interpretada em sonoridades, em prodígios de cor e de movimentos. O bailado, como grafia de emoções pelo ritmo de atitudes, percorreu toda essa ascensão, toda essa linha evolutiva do pensamento, que é: primeiro, símbolo ou manipanso, depois religião, por fim, como poder máximo de expressão, síntese filozofica.

Isadora Duncan, dizia muitas vezes, quando no início da sua acção se esforçava por fazer-se compreender:

«Dos nossos movimentos, da ondulação rítmica dos nossos corpos, intentamos que se desprendam ideias. Cada gesto deve revelar um pensamento. Não se pode conceber um pensamento inerte. É a misteriosa grafia dessa intenção, que a nossa arte procura revelar».

E assim, o bailado moderno, é a estilização dum conceito, dum ideia profunda, subtil, que arrasta as almas a altíssimas preocupações ideológicas. Diante das bailarinas modernas, dado o grau intelectual a que a dança se elevou, uma atitude já não é a evolução voluptuosa da primitiva coqueteria, mas a sugestão perturbante de um problema, e, muitas vezes, de um problema de intuídos sociais, revolucionários.

Toda a arte sentida, plena de sinceridade é essencialmente revolucionária. A dança ainda que aparentemente, sob o peso da tradição, esteja envolta dum aureola, dum ambiente de festividade ou do misterio sombrio de ritos sagrados, na sua evolução, ao intelectualizar-se, ganhou, como não poderia deixar de ser, a vee-mência de um grito para o futuro, para a revolução. A cor dos seus scenarios tem a vibração dum estandarte, e seus ritmos possuem o encanto da poesia expressiva em que ha rajadas de simbolo e de epopeias, que animam as grandes criações panfletarias.

Os russos foram e são ainda os grandes mestres, que detem a bandeira rubra deste movimento. O seu misticismo e a sua ardência de renovação universal revolucionaram a dança, transformando o bailado frívolo num quadro de angustia. Nos seus bailados, ha estatuas

moveis de dôr, desesperos em que a rebeldia adquire um farto poder de sugestão, pela beleza. Ha nesses bailados, muitas vezes, a scenografia e o ritmo das mascaras convulsas de Dostoiewsky, e o espectro de figuras peregrinando na vida, á margem dela, como os vagabundos de Maximo Gorky.

lado dos elementos chorando em contorções, a desgraça, o desespero humano... Outras vezes, são grupos felizes de rainhas cercadas de bailarinas escravas, conduzindo anforas, que encerram o filtro magico que adormece a dôr... A rainha dorme, e as bailarinas acordam com os seus passos

segredo da vida, arrastando consigo a fatalidade, mas deixando atraz de si a maldição contra os poderosos.

A rainha volta a dormir, tranquila, porque o velho deve estar longe, morto talvez, caído no caminho. Então as bailarinas já não bailam para endoidecer o velho, para afugentar a verdade, para distrair a rainha. Bailam agora para acordar todo um passado de escravidão, para chorar sobre a memoria de suas irmãs sacrificadas á volupia e ao tédio dos antigos tiranos.

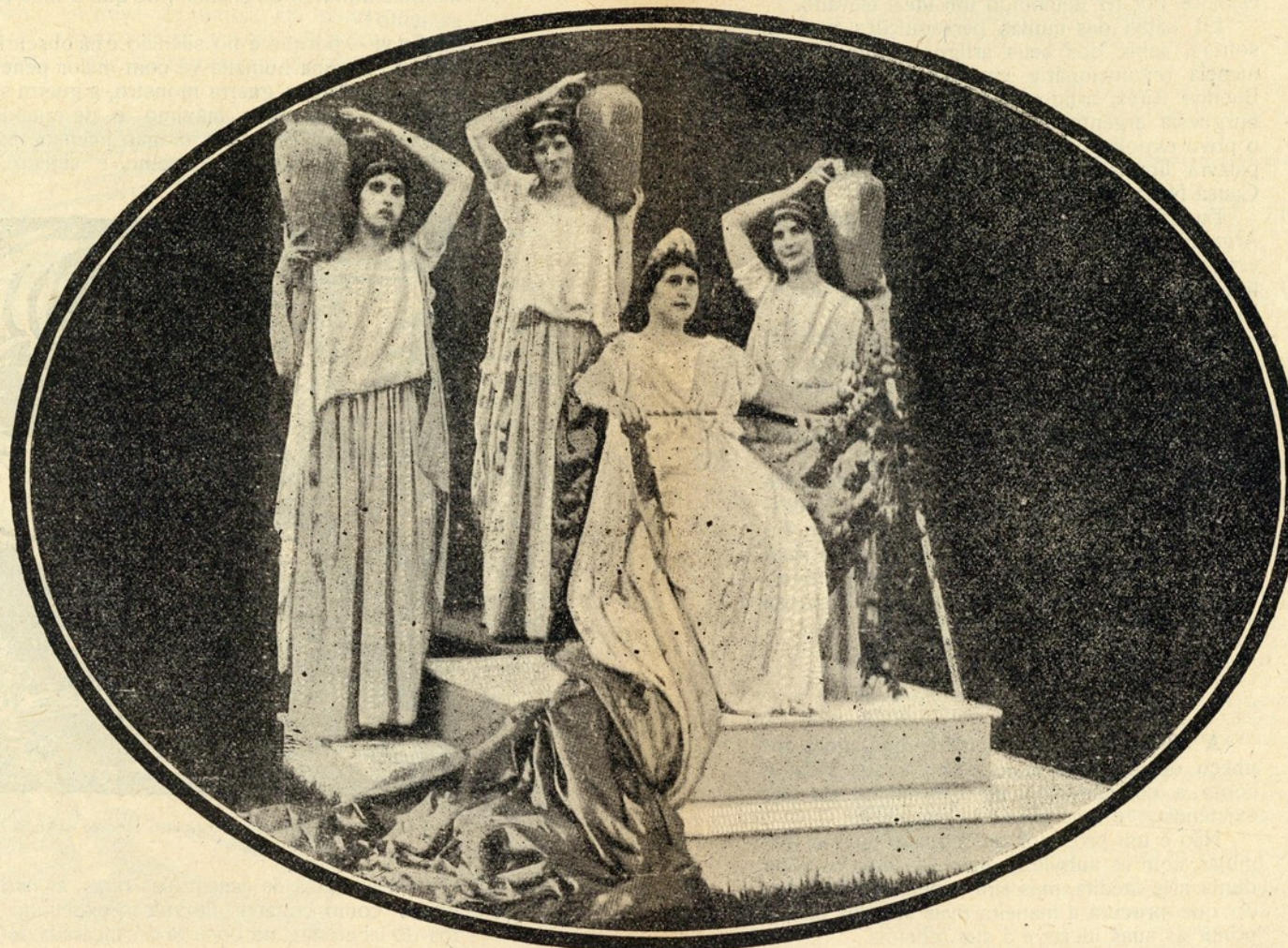
Pensam no velho que lhes trazia o segredo da vida, o caminho da libertação, e pensam tambem no povo escravo como elas, que precisa de ser redimido.

E aí volta a dôr, a fatalidade da dôr, que é preciso adormecer, e e-las que bailam para não pensar.

O vento então uma canção mais triste, como gemidos de supliciados, e as bailarinas deteem-se em seu ritmo delirante, e mantem-se estaticas como numa hora de extasi ante a profecia dum mundo novo. Elas que souberam revelar a beleza de paraizos maravilhosos aos lendarios tiranos enfatiados, sentem que com as suas atitudes, com seus ritmos, poderão comungar na angustia da humanidade escravizada, e em seus movimentos transcendentais e profeticos alcançarão mais profundamente actuar como supremas reveladoras.

Quando Isadora Duncan partiu para a Rússia nova, levando consigo a audacia dos seus bailados, ela entrou em contacto com a fogueira de uma grande revolução, como iniciadora de uma escola de beleza que elevasse a onda revolucionaria á altura das coisas belas.

Partiu como se levasse a convicção de que da ponta dos seus pés maravilhosos, das suas mãos fluídicas, das suas tiaras diafanos, como resplandecendo sob a luz das verdades supremas, se desprenderiam ideias, todo um cortejo de pensamentos que justificasse plenamente o conceito do bailado como elemento mais expressivo da filosofia, dum filosofia que contivesse o germe das grandes remodelações sociais.



Scena coreografica, extraída de um bailado moderno

O bailado é, assim, a dança macabra da ronda da miseria, em que o vento entoia nostalgicas canções do irremediavel, da felicidade perdida, da condenação eterna á escravidão, e as arvores soluçam tambem, desprendendo suas folhas como renegando a beleza, como se ao despojarem-se das suas vestes, afirmassem a sua solidariedade com os desgraçados... Eis o grande bailado, o moderno bailado do vento e das folhas caídas dos arvoredos, o bai-

de feiticeiras, o pregrino que conduz o segredo da felicidade.

— Ide por esse mundo com as vossas anforas, recolher as lagrimas dos que sofrem...

A rainha pareceu ouvir a voz do peregrino, e pede ás bailarinas que dansem, para entontece-lo, e para endoidecer o velho para que ele não volte a pronunciar a sua terrível verdade.

E o peregrino abandona o palacio, levando consigo o

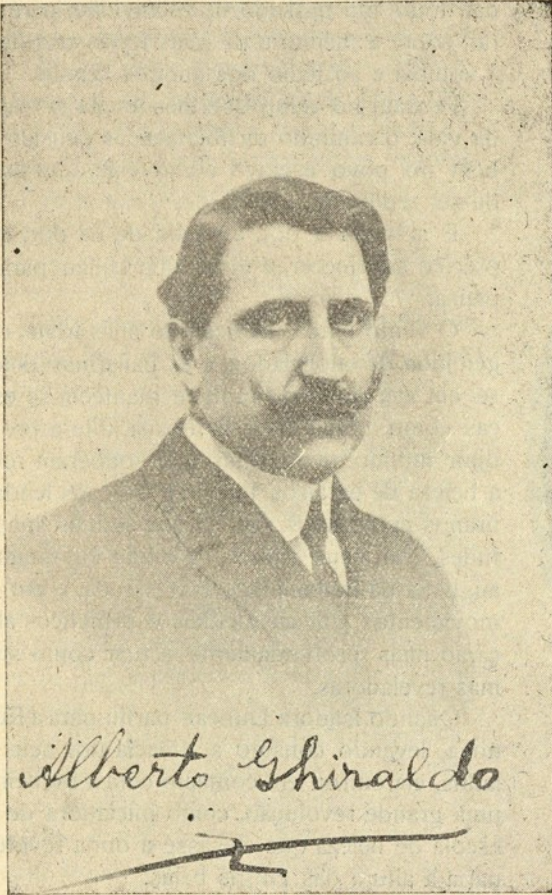
Edwards Finas

OS NOSSOS IRMÃOS EM IDEAL

ALBERTO GHIRALDO

ESCRITOR REVOLUCIONARIO ARGENTINO

Foi Alberto Ghirardo um dos primeiros escritores do idioma castelhano, com quem me relacionei na minha recente viagem a Madrid. Eu, que fujo, por temperamento, ás apresen-



tações, levava, contudo, desde Lisboa, o desejo de ser apresentado a Ghirardo...

Que funda simpatia me atraia, de longe, para um literato cuja obra era para mim pouco familiar, desconhecida quási?

A fraternidade de ideias.

Eu sabia que Ghirardo tinha empunhado já as tubas revolucionárias, através dos jornais elle annunciava no Novo Mundo, a chegada dum Mundo Novo.

Eu sabia que elle tinha oferecido a sua vida por mais duma vez, ás aras da vanguarda, sobre as quais se ergue, implacavel, o alfange da sociedade actual.

Eu sabia que elle sofrera dias de prisão — de prisão, que é uma glorificação, quando nela estamos por ter defendido um ideal elevado.

Eu sabia das muitas perseguições que elle sofrera, sabia dos seus artigos cheios de veemencia revolucionária em «La Protesta», de Buenos Aires, artigos que faziam estarrecer a burguesia argentina e que levantavam de entre o povo expoliado, levantavam pelo sortilégio da palavra libertadora, a novos batalhadores da Causa Nova.

Eu sabia, enfim, que elle fôra expulso da Argentina, expulso da própria terra em que nascera, pelo único crime de querer liberta-la de tiranos disfarçados em demócratas, de expoliadores mascarados de beneméritos.

Sabia que elle viera refugiar-se em Madrid e ali desejei ve-lo — e ali para elle caminhei, como para um irmão, irmão pelo sonho artístico e pelo anseio revolucionário.

la certo que encontraria em Alberto Ghirardo um grande amigo — e assim foi.

Apresentaram-mo no Circulo de Belas Artes e logo marcamos uma *cita* para a noite — e desde então ligou-nos uma fraternal amizade. Eu não creio na fraternidade que procura os seus elos no sangue familiar, mas creio nessa fraternidade que se chancela sob a arvore frondosa e rumorejante dos grandes ideais.

*
* * *

A obra de Alberto Ghirardo que agora conheço detalhadamente, é como a sua vida, é como a concentração do dinamismo da sua existência — é uma obra revolucionária.

Não é um prosador preocupado com as formulas, com as subtilezas literárias, com os vãos duma arte inédita, mas sim o pensador revoltado que procura a maneira mais simples de exprimir as suas ideias e a sua rebeldia.

Dessa obra, o que o celebrizou mais foram as suas peças de teatro, como «Os selvagens», «Alma Gaúcha» e «Coluna de Fogo».

A todas elas preside um sentido revolucionário, que nas duas últimas toma uma rara veemencia objectiva. E é por este aspecto e não pelo de inovação ou renovação da técnica teatral, que o não temem, que elas marcam um logar saliente na literatura feita com o idioma castelhano.

A «Coluna de Fogo», então, dentro da relativa verdade que é possível apresentar ao pú-

blico através do artifício que exige toda a obra teatral, revela uma profunda observação dos meios sociais, dos meios proletários — e nela são bem apresentados os que sabem fazer do seu ideal um pendão invencível e aqueles que vendem as ideias, que dizem ter, pelos primeiros trinta dinheiros que lhes oferecem.

Uns e outros, porém, vítimas duma sociedade que quando não pode vencer os incorruptíveis, procura aniquila-los por todos os processos — mesmo que sejam os da fome.

Outras obras tem Ghiraldo — livros de versos, crônicas de viagem, novelas, ensaios... Dêstes últimos quero destacar aquele que tem por título «A Argentina» (Estado social dum povo).

E' um libelo. Um libelo documentado, terrível, implacável, contra os tiranos e espoliadores

daquele país sul-americano, contra os que aniquilam as leis e abrem para as vítimas os carceres, contra os que sufocam pela força todo o anseio de rebeldia, entregando à misericórdia da noite tropical cadáveres de homens assassinados miseravelmente, só por tentarem romper as suas milenarias algemas, só porque ao serem perseguidos e martirizados soltaram um grito de protesto.

Com esse livro panfletário, Alberto Ghiraldo, o fervoroso camarada de ideais, ergueu na America do Sul mais uma haste onde se hade desfaldar futuramente a bandeira da Liberdade.

Ferreira de Assis

UM MELHORAMENTO CIDADINO

A CAIXA RECEPTACULO POSTAL

COMO FOI RECEBIDA A INOVAÇÃO — SETENTA E CINCO POR CENTO DOS CARTEIROS MORREM TUBERCULOSOS DEVIDO AO EXCESSO DE TRABALHO — A DISTRIBUIÇÃO POSTAL NO ESTRANGEIRO

— UMA INICIATIVA LOUVAVEL — AS VANTAGENS DA APLICAÇÃO DAS CAIXAS.

Por educação, o português é avesso à inovação. Quando as gazetas anunciam qualquer modalidade nos serviços publicos ou nos nossos costumes, logo o descendente do Viriato esfrega o sobrecenho e exclama:

— Não pega entre nós!

Isto succedeu quando o já imortal Paiva e Pona ordenou a demolição do classico Rossio e das suas acacias e dos seus historicos bancos que serviam de poisada a muitos desgraçados; isto succedeu quando uma vereação mandou retalhar os pavimentos de Lisboa e os fez substituir por asfalto; isto succedeu quando surgiram os primeiros «taxis» e quando pela cidade de Ulisses atravessou a primeira senhora com o cabelo cortado a «La Garçone».

Felizmente esse movimento de reacção é pouco demorado. Dura apenas aquele instante que precede à reflexão necessária sobre as vantagens e conveniencias de uma inovação.

Para não fugir à regra, o que se passou com o aparecimento do Rossio bifurcado, o que se notou quando «La Garçone» surgiu saltitante pela capital, veiu a repetir-se há bem pouco tempo, quando as gazetas anunciaram uma outra inovação: a caixa receptaculo postal.

Podia lá ser semelhante disparate! O cidadão que se habituou a ouvir a horas certas bater o carteiro á porta não se conformaria com a descida ao atrio da escada para ali retirar do interior de uma caixinha a correspondencia que lhe pertencia...

Podia alguém prescindir dessa comodidade, desse habito inveterado no portuguezinho?

E um pesado silencio, que valia por um ruidoso protesto, apertava num circulo de morte a caixa receptaculo postal procurando mata-la à nascença.

Afinal a esse pesado silencio succederam-se os minutos de reflexão e a caixa receptaculo é hoje não só aceita como ansiada por aqueles que estudaram as suas vantagens e a sua utilidade.

Num país como aquele em que vivemos, de pessimo serviço postal, a caixa receptaculo vem desempenhar uma função importante — uma função que traduz um apreciável melhoramento cidadão.

A caixa receptaculo é ainda um importante factor de defesa fisica do desgraçado carteiro, que fica preservado das grandes fadigas que as constantes subidas aos pavimentos superiores dos predios são origem.

Só por esse motivo, mesmo que não houvesse outros também importantes, a caixa receptaculo deveria merecer o aplauso de todos aqueles que já subiram a um terceiro andar mais de uma vez...

Depois, não nos parece que o publico fique lesado com a inovação. O carteiro deixa de subir ao andar, mas guarda na caixa, que é embebida na parede do atrio da escada, a correspondencia do inquilino de cada andar — excepto registos ou volumes que não caibam no receptaculo da caixa. Ali se dirigirá o destinatário e retirará o que lhe pertencer. Nada mais simples, nada mais pratico.

E porque surgiu entre nós a caixa receptaculo postal? Por muitas razões. Destacaremos, no entanto, a razão que levou a Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos a advogar o estabelecimento da caixa receptaculo: — a mortandade da numerosa classe dos carteiros originária no excesso de trabalho.

Segundo os calculos de alguns tisiologos, 75% dos carteiros falecidos foram vitimados pela terrível tuberculose. Os outros 25% ou foram vítimas de lesões cardiacas ou de esgotamento fisico. E dessas trágicas cifras são apenas responsáveis as condições de trabalho, que, num relance, vão ser vistas pelo leitor.

Tomamos, por exemplo, a capital do país. Para os 281 distritos de distribuição há, poucos mais de 550 carteiros, que fazem diariamente três distribuições: às 10 horas, às 12 e às 16,30 horas. Num dos distritos há um pobre carteiro que sobe a todos os andares de cinquenta predios, com os seus 4181 degraus!

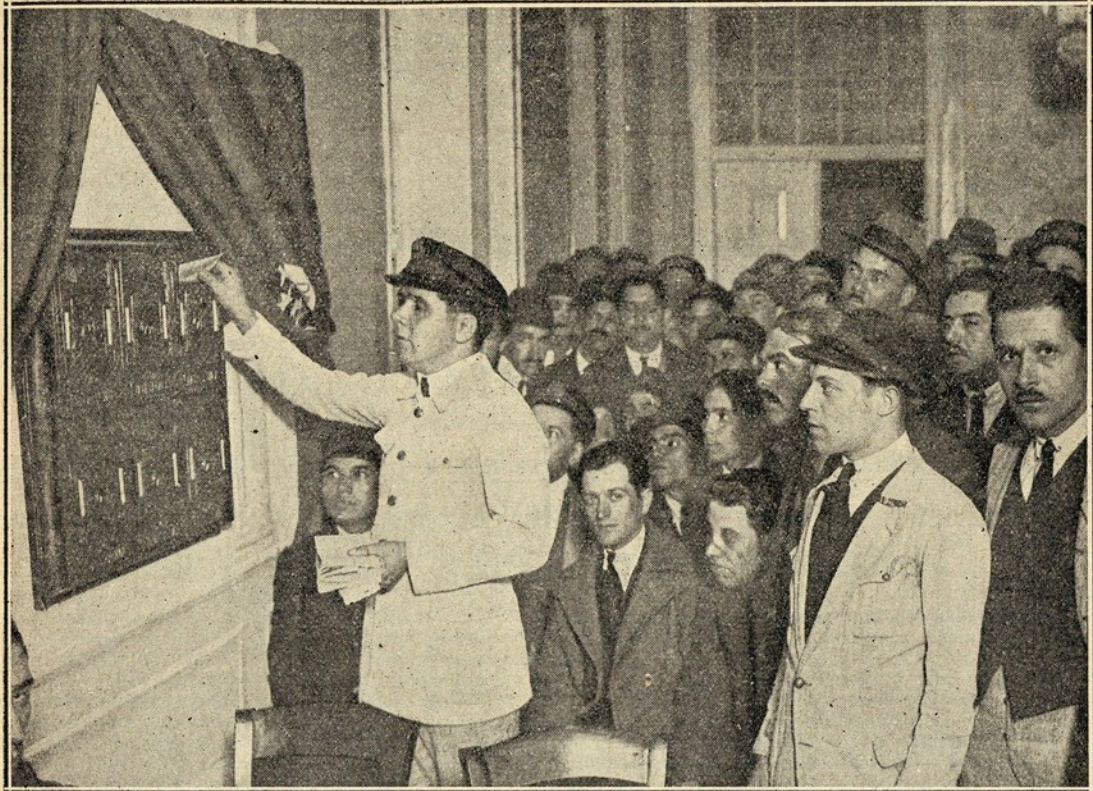
Nas grandes cidades do estrangeiro, a aceitar-se este processo de distribuição, o funcionário distribuidor das postas só estaria em exercício dois dias...

Vejamos porquê. Em Nova York fazem-se 9 distribuições; em Paris, 7; em Londres, 12; em Bruxelas, 9; em Viena d'Austria, 7; em Copenhague, 7; em Cristiania, 5; em Haia, Amsterdam e Rotterdam, 6; em Sofia, 8; e no Mexico, 11.

Um exemplo: Admitamos esta absurda hipótese: o distribuidor londrino tinha a correspondencia de 50 predios,

é que elas não sejam frequentissimas para desfazer a infantil lenda de que as associações de classe têm uma mera função materialista, uma função que não se harmoniza com as necessidades morais e físicas de uma classe.

Ainda d'esta iniciativa não beneficiam apenas o publico, que tem um serviço mais regular, e os carteiros a quem lhes é proscrita a tortura de subir a um quinto andar para entregarem um simples postal de pouco interesse para o destinatário. Beneficiam igualmente dessa iniciativa a classe metalurgica que assim vê atenuada a crise



Uma demonstração da utilidade das Caixas Receptoras, na sessão realizada na Associação de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telegrafos, para solenizar o novo melhoramento.

como sucede ao nosso contreraneo a que acima se faz menção. Logo, este desgraçado teria que subir aos pavimentos superiores dos predios 600 vezes!

Assim não sucede porque em qualquer daquelas cidades o pessoal de distribuição da correspondencia não é obrigado a subir aos pavimentos superiores dos predios, ainda que nem em todos os predios haja estabelecido o sistema de caixas receptaculos.

Depois, em alguns países como no Egipto, França e Suíça a lei proibe os carteiros de subirem aos pavimentos superiores, medida que contribue para o decrescimento do numero de tuberculosos na referida classe.

A' iniciativa da Associação de Classe dos Carteiros não deve, por todos os motivos explicados, regatear-se aplausos. Devido a ela a capital vai hoje — o decreto fixa o dia 15 de Abril para a inauguração da caixa receptaculo postal — contar com mais um importante melhoramento que facilitando as distribuições das postas e melhorando os respectivos serviços, permite aos 600 carteiros de Lisboa uma existencia mais prolongada, garante aos mensageiros de tanta dor e de tanta alegria uma perspectiva mais risonha.

Pena é que estas iniciativas se contem a dedo. Pena

de trabalho. Como? Construindo esses milhões de caixas receptaculos que devem ser applicadas nos atrios das escadadas e onde os simpaticos carteiros encontrarão esculpida esta significativa frase:

— Não mais subiremos escadas!...

Um costume chinês

Nalgumas províncias do sul da China, quando morre um homem que ainda não tenha contraído matrimónio, o que sucede pouco, pois lá casam-se todos muito cedo, a familia do morto, decerto com receio de que êle faça pouca figura no outro mundo, apresentando-se no estado de solteiro, trata de procurar-lhe uma esposa.

Mas não se assustem; a escolha recai sempre sobre alguma rapariga morta em igualdade de circunstancias, o que é mais frequente em virtude da grande percentagem feminina existente na população da celeste República, e a cerimonia do enlace consiste na mutua troca de presentes e felicitações entre as famílias dos «noivos».

Como se resolveria o problema da habitação

Nos aglomerados humanos, principalmente nas grandes cidades, o alojamento torna-se um problema doloroso, quasi insolúvel. A praga dos senhorios desencandeia-se sobre inumeras familias, espalhando nelas o terror e a desolação, originando por vezes verdadeiras tragedias. É no monopólio da habitação que o desumano

o industrialismo se precipitou a organizar emprezas que vendem blocos de cimento armado a largas prestações, tirando grande lucro da propria resistencia da população,

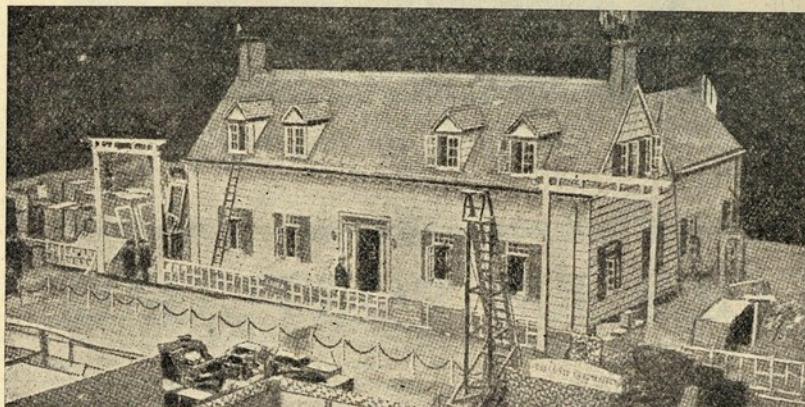
A construção destas casas, em cimento ou em madeira, poderá ser feita pelas familias que nelas hão de residir, e quando haja sociabilidade, apela-se para o concurso das outras familias.

Uma vintena de pessoas poderá erguer, em um ou dois dias, uma casa de rez-de-chão, para nela residir uma familia: um principio libertario de comunismo — a ajuda mutua — aplicado mesmo á face da sociedade capitalista.

O emprego das casas desmontaveis vai-se generalizando por toda a parte da Europa já afastada da vida primitiva. Em Paris tem-se constituído ultimamente emprezas industriais que

fornecem blocos de cimento e dão todas as facilidades de pagamento. De modo que uma familia paga a renda da sua casa até cobrir o valor estipulado, ficando assim com uma casa inteiramente sua. As melhores construções não atingem dez mil escudos no seu valor total.

Ainda não chegou até nós, melhor, não



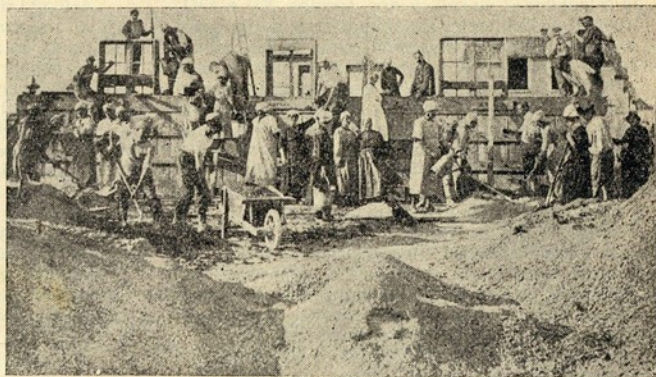
Casa desmontavel oferecida á França pelos Estados-Unidos e transportada deste pais em caixotes. Encontra-se armada no Hall do Grand-Palais em Paris.

direito de produção exerce a mais larga e brutal tirania

Todos os egoismos e interesses de classe não conseguem, porem, embaraçar a evolução natural das sociedades — é que as sociedades se constituem e se determinam segundo as necessidades e aspirações dos humanos. Assim, a habitação é uma das mais urgentes e naturais necessidades dos individuos, e por isso se teria de produzir um forte movimento de resistencia contra a tirania dos proprietarios.

Primeiramente, surgiram os americanos a erguerem em pleno campo as suas casas desmontaveis, revelando na solução do problema um vasto sentido pratico. Diferentes modelos do «home» americano vieram detendo nas exposições a atenção do europeu que, atribulado em toda a parte pela sordidez e vilania dos proprietarios, foi pensando em adoptá-los. Nomeadamente no norte da Europa, proximo das grandes cidades de construções inamoviveis, a gente que não podia comprar um predio nem supor o encargo infundavel de uma renda, foi construindo — *combinar* é o verbo que mais racionalmente se poderia aplicar — casas desmontaveis.

Foram eficazes as experiencias feitas. E logo



Uma familia construindo a sua casa auxiliada pelos vizinhos: homens, mulheres e crianças

chegou ainda á península iberica esta inovação. As poucas casas que se constroem em Lisboa, com madeira ou blocos de cimento, o são ainda por conta de mestres de obras ou senhorios, o

que resolve o problema da haditação apenas em desfruto rapinante de vários sujeitos.

Mas, se o costume se generaliza, se todas as familias de modestos recursos ganham probabilidades de construir e ficarem possuidoras de uma casa, inevitavel será que o sr. Carvalho da Silva berre no parlamento o seu protesto de desinteressado patriota contra os manejos bolchevistas que visam ao aniquilamento da propriedade... Enquanto os «perseguidores» dos desventurados senhorios se não resolverem a erguer a sua propria casa, a renda de um quarto alugado ou de uma casa alheia ficará sempre mais cara que uma propriedade de cimento armado.



25 pessoas construíram esta casa em cinco domingos

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

VI

AS FASCINAÇÕES DO IMPREVISTO. — PERSEGUIÇÃO E ADAPTABILIDADE. — CONCLUSÃO.

E' a Península Espanica a região do mundo em que o fanatismo das superstições mais prepondera.

O seu ritual secreto e alguns dos seus temores a traduzir-se em preconceitos estranhos, inteiramente desconhecidos fóra da Península, vêem explicar como certos factores teem o dom de influir na marcha evolutiva dos fenómenos espirituais dos povos.

O fenómeno peninsular explica-se bem pela persistencia de calamidades horriveis nos séculos XV e XVI, como foram as pestes intensivas e periódicas, os terremotos e o contacto íntimo e permanente com os Oceanos e com as terras de além. Ali fomos colher elementos com que enriquecer o fundo de feitiçaria e superstições já agravadas pela inoculação virulenta do fanatismo religioso que a Igreja soubera introduzir, aproveitando-se do terror das calamidades pestilentas, dos cataclismos cósmicos e das séries ininterruptas de naufrágios, devidos quasi exclusivamente á insuficiencia da construção naval, mas habilmente aproveitados como castigos de Deus.

A fanatização dos povos não ofereceu á Igreja dificuldades de maior. Uma das fontes iniciais das superstições é o terror pelas forças da natureza, desconhecidas, ignoradas completamente pelo homem primitivo, e em todos os tempos sempre capazes de perturbar a vida individual e até colectiva das sociedades humanas.

Foram estes factores desconhecidos os que predisporam a humanidade para sentir o terror pelo incógnito, cedo criando o dualismo do bem e do mal, da felicidade e da infelicidade, do amor e do ódio.

Quando a intervenção legal sobreveiu, já não conseguiu apagar os vestígios desse mais remoto passado de ignorancia a gerar pavor e a clamar remédios ou desforras.

Todos os sistemas religiosos que depois sucederam, nem puderam nem souberam extirpar os grandes erros do passado, e muitas vezes nem o quizeram fazer, prefe-

rindo aproveitar os erros e as falsas concepções anteriores no serviço de interesses próprios.

Ainda actualmente se observa que onde as superstições mais preponderam é nas classes mais ignorantes, isto é, menos aptas para raciocionar, ou naquelas cuja existencia anda mais exposta ao imprevisto, como sejam os homens do mar, os mineiros, os cultivadores do campo e os jogadores.

A teoria do imprevisto na formação das superstições revela-se efectivamente nas classes mais expostas ao desconhecido, ao inesperado.

E' crença popular, por exemplo, que quando acontece alguma cousa que não se espera, é porque está para nascer algum burro!

Se dois relogios dão horas ao mesmo tempo, logo o povo tira desse acaso o prognóstico de morte repentina!

E de muitas cousas que não agradam, é vulgar dizer: — «antes morte do que tal sorte!»

Tambem, se na casa onde entram uns noivos pela primeira vez, houver casualmente uma luz acesa, logo se acredita que nenhum deles viverá muito!

Sonhar inesperadamente com a morte de uma pessoa que está viva e gosa de boa saúde, é indício de que ainda essa pessoa terá pelo menos dez anos mais de vida!

Tanto basta a justificar tudo quanto enunciamos.

E' interessante que as superstições, quanto mais perseguidas são, mais se desenvolvem.

Na velha Roma, quando os Caldeus por lá se instalaram, tal qual mais modernamente sucedeu entre nós com os Ciganos, logo saiam leis de expulsão e perseguição. Os escravos foram prohibidos de consultar os caldaicos. O proprio Senado tomou medidas várias. Scipião ex-

pulsou dos exércitos de Numancia os adivinhos e os magicos.

Com o advento do Império Romano, viram-se os Imperadores em sérias contingencias.

Bem quizeram elles opôr-se ao desenvolvimento e á adaptação das superstições. Baldado empenho, porém, porque elles proprios não tinham conseguido despegar-se dos preconceitos.

Depois que o Cristianismo se tornou em Roma religião do Estado, avigorou-se a perseguição ao Politeismo e a todas as superstições, pois a Igreja só admitia a Revelação Divina que afinal superstições era.

O Imperador Constantino, fundando na velha Bizancio a cidade do seu nome, dali repeliu haruspices, hierofantes e adivinhos, só prevalecendo o Cristianismo.

Iniciou-se então o extermínio do culto fatidico do passado. Oráculos, templos, estátuas de deuses, tudo foi arrazado ou passou a servir de mero ornamento nas praças publicas.

As Guerras religiosas da intolerancia principiaram no velho Imperio.

Para melhor se divorciar do povo, ficando comtudo com dominio espirital sobre ele, a Igreja no seculo V iniciou a legislação contra as feitiçarias e maleficios cujo desenvolvimento ella própria tinha favorecido enquanto lhe conveiu.

No anno 506 de Cristo, o Concilio de Agde excomungou as superstições. Em 511 o Concilio de Orleans prohibiu as adivinhações. Nova excomunhão em 589 no Concilio de Narbonne!

O Imperio seguiu esta politica perversa do Cristianismo. No século de Teodósio a perseguição foi sem tréguas. O Imperador tornou-se implacavel, inflingindo penalidades horribes a tudo que rescendesse a culto pagão.

As estátuas dos deuses foram aproveitadas como simples esculturas para ornamentação das praças publicas. A consulta ás aves e ás entranhas das victimas, os sacrificios expiatorios passaram a ser punidos de morte. Os templos do paganismo foram encerrados.

O christianismo intolerante chegou a queimar alguns templos pagãos, forçando o espirito das leis romanas que só os tinham maadado encerrar para prohibir as celebrações.

As luctas da intolerancia e do fanatismo tornaram-se assombrosamente horribes, assumiram proporções, ora contradictorias, ora canibalescas, e sempre contraproducentes.

Se por um lado Arcadio, imperador da Roma Oriental, ordenou o extermínio dos pagãos e a demolição proposta e sistemática dos seus templos e de todos os vestigios do paganismo, tambem o Imperador Honório, no Occidente, atendendo ás resistencias da tradição que se opunha ás influencias da intolerancia cristã, legislou proibindo e castigando a destruição dos templos de culto contrário.

Evidentemente estas perseguições da intolerancia não deram resultados immediatos, mas geraram novas superstições, provenientes da necessidade espirital dos crentes celebrarem clandestinamente os seus ritos religiosos.

Os flagelos de ordem fisica ou moral, como tremores de terra, terremotos, ciclones, pestes, fomes, secas, tudo emfim quanto mais concorre para ameaçar-nos a existencia, é tambem o que mais desperta o interesse de aplacar os supostos causadores sobrenaturais d'esses flagelos.

A Igreja habilmente tem sabido aproveitar estes sintomas de fraquês e debilidade espirital.

No Seculo XVI deu-se em toda a Europa um movimento geral de regressão ao Demonismo e á Feitiçaria.

Um dos factores desta regressão foram os horrores das guerras religiosas da Reforma e da Contra Reforma que criaram um grave conflito entre o dogmatismo religioso e official e as crenças de tradição oral popular com todo o seu receptuario supersticioso.

Nesse mesmo seculo, quando em Portugal mais abundavam as fomes, as pestes e os terremotos, foi que a Igreja melhor conseguiu afervorar o fanatismo que anda paredes meias com a superstição.

O estabelecimento da Inquisição em Portugal destinou-se quasi exclusivamente a queimar Cristãos Novos,

como pretexto para roubá-los, a perseguir os acusados da seita de Lutero, para que o Livre Exame não entrasse cá, e a torturar os feiteiros para que a feitiçaria melhor se desenvolvesse, forçada aos ritos secretos que bestificam pela superstição,

O moderno recrudescimento religioso e supersticioso que se nota por toda a Europa, resultou muito naturalmente da Grande Guerra mundial, que veio apressar a evidente derrocada para onde o regime capitalista cada vez mais se vai inclinando.

As classes burguêsas, as que mais ameaçadas se julgam com o eminente cataclismo capitalista, são as que mais se acolhem a Deus e se concentram nas superstições tradicionais que ressuscitam, delas esperando um ressurgimento milagroso que as classes proletárias, secularmente espoliadas, nem podem nem devem mais proporcionar-lhes.

Curioso fenómeno este da evolução natural das idéas colectivas! Enquanto as classes dominantes, as mais ilustradas e as mais poderosas, perante a eminencia de uma crise, se recolhem ao obscurantismo do passado, as classes proletárias, aspirando pela sua emancipação que se aproxima, enveredam pelo Livre Exame e proclamam as glorias da Civilização e do Progresso Infinito!

Adivinhos e Feitiçarias

ALEGRIAS PERIGOSAS

Os árabes costumam festejar os casamentos, baptizados e nascimentos com vivos tiroteios, que correspondem ao foguetório usado na Peninsula, sem dúvida por influência remota da antiga dominação dos companheiros de Táric.

Para elles, como para nós, o ruído traduz a alegria de que se sentem possuidos, e tanto maior o procuram fazer, quanto o é esta. Mas não os entusiasma só a bulha infernal das detonações, mas tambem e muito principalmente o sibilar das balas.

Isto traz graves inconvenientes, e não raro se registam casos fatais; na loucura de que se acham possuidos, muitas vezes empregam inconscientemente as balas nos pobres companheiros do festim. E assim, quem vai assistir a alguma dessas festas deve preparar-se não só para comer o agradável e típico bolo de mel, como para apañhar alguma bala perdida.

Eis uma alegria verdadeiramente ruidosa... e perigosa.

DEFINIÇÃO...

— De que é feita uma rede?

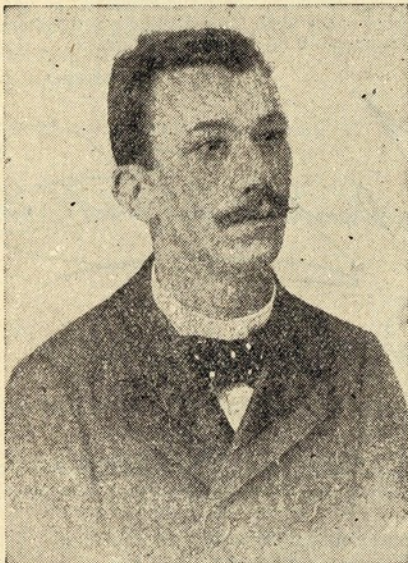
— De buracos, unidos entre si por fios...

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

ERNESTO DA SILVA

Passa no dia 25 do corrente o 23.º aniversário da morte de Ernesto da Silva. Convem recorda-lo aos que trazem a memoria alhejada do que lhes não devia passar despercebido. Convem recorda-lo tambem aos que de melhor memoria, mal põem de pé, no entanto, essa figura curiosa



Ernesto da Silva

de melitante social, que no seu tempo marcou pela lisura do seu processo de combate, pela altivez do seu pensar, pela isenção do seu criterio doutrinario.

Ernesto da Silva foi o que pode chamar-se um espontaneo na singela tenacidade e veemencia com que soube pôr as suas convicções, pela pertinacia com que corajosamente as defendeu sempre, *malgré* todas as oposições, apesar de todas as más vontades.

Orador e publicista, tribuno e homem de gabinete, a sua acção na massa socialista fez-se sentir sempre pela acrimonia que punha no tratamento de todos os assuntos, pela simplicidade da verdade com que focava os acontecimentos de maior responsabilidade e de mais melindrosa discussão. Coração ao largo a todas as conveniencias da sociedade, olhos bem altos a miserias dos partidarismos obcecados, Ernesto da Silva realizou no meio avançado do seu tempo, a função determinada e real de coordenar

esforços, de carrilar vontades, de juntar em comunhão e harmonia, dissensões perigosas que a paixão das ideias traz sempre ao seio dos bem intencionados!

Em Ernesto da Silva, não sabemos que mais admirar é enaltecer, se a ponderação do poeimista, se o fogo ardentissimo de batalhador. Mas, duma maneira ou de outra, o militante nunca cedeu á ruindade dos que, arrimados a um criterio fechado e inamovível, só servem a embaraçar os que caminham na tenção decidida de efectivar um bom acto, porque esse acto alguma coisa representa na senda das ideias salutaes, e dos principios em que um puro racionalismo domina e orienta.

Em Ernesto da Silva não se deu aquele usual fenomeno, às veses até explicavel, mas não justificado, da hesitação momentanea de estabelecer os limites duma doutrina, de frisar a essencia clara e limpida dum principio a que as flutuações do tempo imprimem, tantas vezes, directrizes aparentemente contraditorias. Não. Ernesto da Silva, senhor do seu dominio de pensamento e de acção, manteve atravez de tudo e de todos, o traçado certo da sua gestação social e fê-lo com um desassombro, com uma cerrada teimosia que deveriam ser invejados por muitas pessoas que hoje manejam o seu criterio ao sabor das circunstancias, ao embate das duvidas que se erguem e que, não poucas vezes, desvirtuam o sentido dos factos e destroem, quicá, neles o seu extracto de convicção, de verdade e de objectivo...

Dentro das barreiras em que o socialismo agia nesse tempo, Ernesto da Silva soube sempre dar às suas afirmações, a scintilação do seu espirito desempoeirado, a justa gradação dos conceitos morais que defendia, divulgava e insinuava!

E, agora que a meio do tumultuar das paixões e do coaxar de certos animalculos informes se procura estabelecer normas, cerrar fileiras, e depurar o ambiente social, não é muito, é até dever, que recordemos comovidamente, Ernesto da Silva, apontando-o como exemplo, exaltando-o como sinceridade e registando a sua acção, como seria para desejar que o pudessemos fazer a respeito de muitos sentenciosos apóstolos que a seu lado não passariam de miserias excrecencias, em que a sua vaidade prepondera e de quem se afastou de ha muito o ardor duma convicção solida e duradoira!

Nogueira de Brito

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ **SECÇÃO EDITORIAL DE "A BATALHA"** ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Almanaque de «A Batalha» para 1926.....	3\$00
Organização Social Sindicalista.....	3\$00
A crise do Socialismo por <i>A. Hamon</i>	1\$00
Os I. W. W. na teoria e na pratica.....	3\$00
O Sindicalismo Revolucionario e a organização operaria por <i>Rodolfo Rocker</i>	1\$00
A Revolução Social e o Sindicalismo por <i>Orchinof</i>	1\$00
As três internacionais sindicais por <i>Schapiro</i>	1\$00
A concepção anarquista do Sindicalismo por <i>Neno Vasco</i>	1\$00
A Historia do Movimento Macnovista por <i>Orchinof</i>	10\$00

OS MISTERIOS DO POVO por *Eugenio Sue*

Episodios publicados:

I — A Braga do grilheta — A Foucinha Dourou — O cano da morte.

II — O colar de Ferro — O carpinteiro de Nazareth.

III — A mãe dos acampamentos.

IV — Ronau, o vagabundo.

Cada livro de 300 a 400 páginas, ilustrado e encadernado, a 10\$00.

Pedidos á nossa administração acompanhados das importancias respectivas do porte de correio e registo ;

Calçada do Combro 38-A, 2.º—LISBOA

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comicios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc., etc.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	24\$00
Ano	48\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse*.

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA